

PANDEMIA E TERRITÓRIO

**ALFREDO WAGNER
ROSA ACEVEDO
ERIKI ALEIXO**

PANDEMIA E TERRITÓRIO

Rosa Elizabeth Acevedo Marin	Jordeanes do N. Araújo
Roque de Barros Laraia	Eliana Teles
Otávio Velho	Tomas Paoliello Pacheco de Oliveira
João Pacheco de Oliveira	Maria Alice da Silva Paulino
Henri Acselrad	Karapãna
Ilka Boaventura leite	Jardeline dos Santos Costa, Kokama
Claudia Puerta Silva	Alicia Dorado Rosales
Jesús Alfonso Flórez López	Álvaro Ipuana Guariyü
Aurélio Vianna Jr	Ana Isabel Márquez Pérez
John Comerford	Isabela do Amaral Sales
José Sergio Leite Lopes	Rita Neves
Marcia Anita Sprandel	Silvia Zaccaria
Patrícia Maria Portela Nunes	Bruna Cigaran da Rocha
Cynthia Carvalho Martins	Selma Solange Monteiro Santos
Emmanuel de Almeida Farias Júnior	Edielso Barbosa dos Santos
Ana Pizarro	Edvando Jesus Vieira
Ana Carla dos Santos Bruno	Elaíze Farias
Altaci Corrêa Rubim	Elionice Conceição Sacramento
Maria Fernanda Salcedo Repolês	Esteban Torres Muriel
Oswaldo Martins de Oliveira	Estefanía Frías Epinayú
Ricardo Verdum	Fatima Epiayú
Vânia Fialho	Suellen Andrade Barroso
Raphaelle Servius-Harmois	Sandro José da Silva
Glademir Sales dos Santos	Esmael Siqueira Rodrigues
Raquel Mombelli	Gardenia Ayres
Jurandir Santos de Novaes	Gean de Almeida
Txai Terri Vale de Aquino	Hosana Santos
Luiz Antonio de Castro Santos	Ilana Magalhães
André Luiz Freitas Dias	Roberto Carlos Amaya Epiayú
Claudina Azevedo Maximiano	Uta Grunert
Franklin Plessmann de Carvalho	Davi Pereira Junior

Clayton de Souza Rodrigues
Ítala T. Rodrigues Nepomuceno
Vinícius Cosmos Benvegnú
Eriki Aleixo de Melo
Reginaldo Conceição da Silva
Marcos Alan Costa Farias
Murana de Oliveira Arenillas
Nicolas A. Victorino R.
Elielson Pereira da Silva
Riccardo Rella
Whodson Silva
Aline Radaelli
Danilo da Conceição Serejo Lopes
Gilberta Acselrad
Felipe Pereira Jucá
Ernandes Herculano Saraiva
Guilherme José Sette Junior
Angelisson Tenharin
José Roberto Jesus da Silva Cravo
Poliana Nascimento
Ariene dos Santos Lima
Geoclebson Pereira
Jeane Sacramento
José Luís Souza de Souza
José Omir Siqueira
Juliane Gomes de Souza
Luan Arruda
Bruno Lopes do Nascimento
Cândido Firmiano
Lucas Antônio Macedo
Luiza dos Santos Reis
Marcelo Horta Messias Franco

Maria Delma Portilho Brito
Maria Jaidene Pires
Max José Costa e Costa
Ana Moura
Maxwell Marques Mesquita
Anthony Lisboa
Miguel Ramírez Boscán
Sandro Henrique Lôbo
Nelson Ramos Bastos
Maria da Penha Silva
Quênia Barreto da Silva
Jakeline Romero Epiayú Manuel
Moura
Rafael Matos
Francisca Gárdina dos Santos Lima
Roberto Mendonça
Rosamaria Santana Paes Loures
Rosângela Brito
Flávia Vieira
Glebson Vieira
Taisa Lewitzki
Thiago Alan Guedes Sabino
Tiane Souza
Uine Lopes de Andrade
Peppe Assurini
Vânia Conceição Sacramento
Walter Calado
Alfredo Wagner Berno de Almeida

ALFREDO WAGNER BERNO DE ALMEIDA
ROSA ELIZABETH ACEVEDO MARIN
ERIKI ALEIXO DE MELO

PANDEMIA E TERRITÓRIO

2020

CONSELHO EDITORIAL

Otávio Velho – PPGAS-MN/UFRJ, Brasil

Dina Picotti – Universidade Nacional de General Sarmiento, Argentina

Henri Acserald – IPPUR –UFRJ, Brasil

Charles Hale – University of Texas at Austin, Estados Unidos

João Pacheco de Oliveira – PPGAS-MN/UFRJ, Brasil

Rosa Elizabeth Acevedo Marin – NAEA/UFPA, Brasil

José Sérgio Leite Lopes – PPGA-MNU/UFRJ, Brasil

Aurélio Vianna – Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Brasil

Sérgio Costa – LAI FU, Berlim, Alemanha

Alfredo Wagner Berno de Almeida – UEMA/UEA, Brasil

CONSELHO CIENTÍFICO

Ana Pizarro – Professora do Doutorado em Estudos Americanos Instituto de
Estudios Avanzados – Universidad de Santiago de Chile

Claudia Patricia Puerta Silva – Professora Associada – Departamento de
Antropologia – Facultad de Ciências Sociales y Humanas – Universidad de
Antioquia

Zulay Poggi – Professora do Centro de Estudios de Desarrollo – CENDES–
Universidad Central de Venezuela

Maria Backhouse – Professora de Sociologia – Institut für Soziologie –
FriedrichSchiller-Universitätjena

Jesús Alfonso Flórez López – Universidad Autónoma de Occidente de Cali -
Colombia

Roberto Malighetti – Professor de Antropologia Cultural – Departamento
de Ciências Humanas e Educação “R. Massa” – Università degli Studi de
Milano-
Bicocca

Copyright© Autores

Equipe de organização e edição:

Alfredo Wagner Berno de Almeida
Rosa Elizabeth Acevedo Marin
Eriki Aleixo de Melo

Capa: Phillipe Teixeira

Diagramação: Phillipe Teixeira

ISBN Impresso: 978-65-00-05792-8

ISBN E-book: 978-65-00-05793-5

Ficha catalográfica:

P189 Pandemia e Território / Organizado por Alfredo Wagner Berno de Almeida. Rosa Elizabeth Acevedo Marin. Eriki Aleixo de Melo. – São Luís: UEMA Edições/ PNCSA, 2020.
1226 p.:il.

ISBN Impresso: 978-65-00-05792-8

ISBN E-book: 978-65-00-05793-5

1. Pandemia. 2. Território. 3. Povos e comunidades tradicionais. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Marin, Rosa Elizabeth Acevedo. III. Melo, Eriki Aleixo de. IV. Título.

CDU 316 + 614.4

Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia –
Universidade Estadual do Maranhão (PPGCSPA/UEMA)

Cidade Universitária Paulo VI – Caixa Postal 09 – São Luís/MA. Fone (98)
3245-5461 Fax (98) 3245-5882

SUMÁRIO

PREFÁCIO

Gustavo Pereira da Costa..... 31

APRESENTAÇÃO GERAL

Rosa Acevedo

Eriki Aleixo

Alfredo Wagner..... 33

Análise do Veto 27, de 2020 - Plano Emergencial para enfrentamento à Covid-19 nos Territórios Indígenas e Medidas de Apoio a Diversas Comunidades

Marcia Anita Sprandel..... 79

PARTE I 97

TERRITÓRIOS DAS MOBILIZAÇÕES POLÍTICAS 99

Pandemia e Território: Cooperação e Disputas

Aurélio Vianna Jr...... 101

“Fique em casa!” Mobilidade, Mobilização e Território na Pandemia

John Comerford..... 137

TERRITÓRIOS DE GUERRA, DESASTRES E POLÍTICAS ECONÔMICAS 153

Micro-organismos e macro desastres humanos em nossos tempos

Luiz Antonio de Castro Santos..... 155

Pandemia, Guerra y Ditadura

Jesús Alfonso Flórez López..... 163

A microbiologia cega do capitalismo

Henri Acselrad..... 173

Economia neoliberal e Covid-19	
<i>Riccardo Rella</i>	179
Crônicas da Itália nos tempos do Coronavírus	
<i>Silvia Zaccaria</i>	195
Alemanha entre o encerramento e a descontração	
<i>Uta Grunert</i>	198
TERRITÓRIOS INDÍGENAS	201
Lábrea e o “Novo Coronavírus”: biopolítica e os impactos do isolamento social para os povos e comunidades tradicionais no Médio Purus, AM	
<i>Claudina Azevedo Maximiano</i> <i>Marcelo Horta Messias Franco</i>	203
Pandemia e desterritorialização: biopolítica da desregulamentação e efeitos sobre os Povos Indígenas da Volta Grande do Rio Xingu, PA	
<i>Selma Solange Monteiro Santos</i>	239
Epidemias, Território e Povos Indígenas: Contribuição a uma Antropologia Histórica Crítica	
<i>Ricardo Verdum</i>	265
O Covid-19 nos Territórios Indígenas do Acre	
<i>Txai Terri Vale de Aquino</i>	283
Pandemia e Territórios Indígenas em Roraima	
<i>Eriki Aleixo</i> <i>Ariene dos Santos Lima</i>	287
¿Biopolítica/Necropolítica? Covid-19: un posible análisis de situaciones y acciones de los pueblos tradicionales frente a la pandemia en la triple frontera del Amazonas/Alto Solimões	
<i>Reginaldo Conceição da Silva</i> <i>Nicolas A. Victorino R</i>	315

A expropriação territorial e o Covid-19 no Alto Tapajós, PA <i>Bruna Cigaran da Rocha</i> <i>Rosamaria Santana Paes Loures</i>	337
Cenários do Sul do Amazonas: os Tupi Kagwahiva e as formas de enfrentamento do Covid-19 em Terras Indígenas <i>Jordeanes do N. Araújo</i> <i>Suellen Andrade Barroso</i> <i>Angelisson Tenharin</i>	369
O Novo Coronavírus a kutipa/kanuparita dos Povos Indígenas no Século XXI <i>Altaci Corrêa Rubim</i>	387
“Se o vírus não discrimina, o sistema tampouco deveria fazer”: biopolítica, Pandemia e Povos Indígenas do Alto Solimões, AM <i>Aline Radaelli</i>	405
Autoritarismo político em tempos de Pandemia <i>Felipe Pereira Jucá</i>	417
El Covid-19, una crisis sobre otra crisis en el Territorio Wayuu: “Si no nos mata el Coronavirus nos seguirá matando el hambre” <i>Roberto Carlos Amaya Epiayú</i> <i>Alicia Dorado Rosales</i> <i>Fatima Epiayú</i> <i>Estefanía Frías Epiayú</i> <i>Álvaro Ipuana Guariyü</i> <i>Claudia Puerta Silva</i> <i>Miguel Ramírez Boscán</i> <i>Jakeline Romero Epiayú</i> <i>Esteban Torres Muriel</i>	427
Colonialismo Linguístico e Covid-19: entre contradições do discurso multiculturalista francês e realidades étnico-raciais guianesas <i>Raphaelle Servius-Harmois</i>	449

Isolamento Social e Biopolítica na Guiana Francesa <i>Vinicius Cosmos Benvegnú</i>	455
Aspectos da “invisibilidade” no discurso dos indígenas em Manaus: A luta pelo reconhecimento em tempo de Pandemia. <i>Glademir Sales dos Santos</i>	477
Ser indígena na cidade: Pandemia do Covid-19 e a negação de direitos a Povos Indígenas em Manaus <i>Clayton de Souza Rodrigues</i>	493
Povos Indígenas e Pandemia: impactos desproporcionais e violação de Direitos Humanos Coletivos <i>Isabela do Amaral Sales</i>	509
Os Centros de Ciências e Saberes e a mobilização dos Povos e Comunidades Tradicionais em tempos de Pandemia <i>Murana de Oliveira Arenillas</i> <i>Marcos Alan Costa Farias</i>	521
Equações em tempos de Pandemia: povos indígenas em Pernambuco e a produção de dados <i>Anthony Lisboa</i> <i>Flávia Vieira</i> <i>Geoclebson Pereira</i> <i>Hosana Santos</i> <i>Ilana Magalhães</i> <i>Maria Jaidene Pires</i> <i>Maria da Penha Silva</i> <i>Luan Arruda</i> <i>Poliana Nascimento</i> <i>Rosângela Brito</i> <i>Sandro Henrique Lôbo</i> <i>Tiane Souza</i> <i>Vânia Fialbo</i> <i>Walter Calado</i> <i>Whodson Silva</i>	541

“Enquanto tudo permanece como estava”: vulnerabilidades e resistência Indígena e Quilombola no contexto de Pandemia no Rio Grande do Norte

Ana Moura

Cândido Firmiano

Glebson Vieira

Manuel Moura

Rafael Matos

Rita Neves

Roberto Mendonça

Taisa Lewitzki..... 555

TERRITÓRIO DA SEGURANÇA PÚBLICA 567

Covid-19 e Segurança Pública: uma análise da Pandemia na Polícia Militar do Amazonas

Ernandes Herculano Saraiwa

Guilherme José Sette Junior

Maxwell Marques Mesquita..... 569

TERRITÓRIOS DA ENFERMAGEM 583

Lendo “A Peste” de Albert Camus, em contexto do Covid-19

Gilberta Acselrad..... 585

Povos Indígenas: espiritualidade e saúde em tempos de isolamento social

Geoclebson da Silva Pereira..... 603

TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS 611

A Pandemia da Covid-19 em Quilombos no estado do Espírito Santo: uma avaliação preliminar

Oswaldo Martins de Oliveira

Sandro José da Silva..... 613

Os Quilombos de Alcântara: a Resolução nº 11 do GSI, o Direito de Consulta Prévia e o Covid-19

Danilo da Conceição Serejo Lopes

Davi Pereira Junior..... 635

Território dos Quilombolas-Indígenas do Sítio Conceição invadido pela mureta construída pela Prefeitura Municipal de Barcarena no tempo da Pandemia

Rosa Elizabeth Acevedo Marin

José Roberto Jesus da Silva Cravo..... 651

Narrativas da Pandemia: situações sociais e territorialidades específicas no Baixo Tocantins

Eliana Teles

Juliane Gomes de Souza

Gean de Almeida

Nelson Ramos Bastos

Max José Costa e Costa..... 687

Ações e Mobilizações para evitar *se expor à morte* no Território Quilombola de Salvaterra

Rosa Elizabeth Acevedo Marin

José Luís Souza de Souza..... 711

Territórios de Povos e Comunidades Tradicionais na Calha do Rio Tocantins: as *barreiras* de proteção na Pandemia

Jurandir Santos de Novaes

Rosa Elizabeth Acevedo Marin

José Omir Siqueira

Maria Delma Portilho Brito

Thiago Alan Guedes Sabino

Lucas Antônio Macedo..... 741

Territórios Quilombolas em Santa Catarina frente à Pandemia do Covid-19

Raquel Mombelli..... 769

Estado, Capital e Pandemia no Vale do Rio Trombetas

Ítala T. Rodrigues Nepomuceno

Marcos Alan Costa Farias..... 795

**TERRITÓRIOS DE COMUNIDADES DE FUNDOS
E FECHOS DE PASTO, DE PESCADORES, DE
ASSENTADOS, DE *RAIZALES* E DE COMUNIDADES
ATINGIDAS POR MINERAÇÃO**

813

**O duplo *pharmakon* da Pandemia no Assentamento Nazaré,
Acará**

Elíelson Pereira da Silva..... 815

**Violações de direitos das comunidades atingidas pela mineração
no contexto da Pandemia**

André Luiz Freitas Dias

Maria Fernanda Salcedo Repolés..... 833

**Na “Primeira Onda” da Pandemia de Covid-19 - expropriados e
moradores do Lago da UHE Tucuruí**

Jurandir dos Santos Novaes

Rosa Elizabeth Acevedo Marin

Esmael Siqueira Rodrigues

Thiago Alan Guedes Sabino

Lucas Antônio Macedo..... 847

**Crisis económica y alimentaria en el Medio del Mar Caribe: una
primera mirada a los impactos de la pandemia sobre el Pueblo
Raizal del Archipiélago de San Andrés, Providencia y Santa
Catalina**

Ana Isabel Márquez Pérez..... 885

A Construção de Conhecimentos como ferramenta contra o racismo em tempos de Pandemia	
<i>Franklin Plessmann de Carvalho</i>	
<i>Elionice Conceição Sacramento</i>	
<i>Quênia Barreto da Silva</i>	
<i>Bruno Lopes do Nascimento</i>	
<i>Edielso Barbosa dos Santos</i>	
<i>Edvando Jesus Vieira</i>	
<i>Jeane Sacramento</i>	
<i>Luíza dos Santos Reis</i>	
<i>Uine Lopes de Andrade</i>	
<i>Vânia Conceição Sacramento</i>	903

Distanciamento Social, Territórios Distintos e Pandemia Covid-19 nas Comunidades maranhenses Bar da Hora e Fazenda Conceição	
<i>Francisca Gárdina dos Santos Lima</i>	
<i>Tomas Paoliello Pacheco de Oliveira</i>	927

TERRITÓRIO DA CIÊNCIA **941**

O Processo de Afirmação da Autoridade da Ciência e da Universidade em Tempos de Pandemia	943
---	------------

Depois da Marcha Virtual: “Endeusamento da Ciência”?	947
---	------------

A Retórica da Guerra versus a Ciência no Enfrentamento da Pandemia	
<i>Alfredo Wagner Berno de Almeida</i>	955

PARTE II **963**

TERRITÓRIO DA MORTE **965**

Obituário: Vida no Território da Morte	
<i>Alfredo Wagner Berno de Almeida</i>	967

Tempo de luto pela perda de Aldevan Baniwa	979
---	------------

Há várias memórias: um vírus, uma história, muitas trajetórias <i>Ana Carla dos Santos Bruno</i>	982
Um funeral digno como sua derradeira luta”: Aldenor Basques Félix Gutchicü (BABU) <i>Clayton de Souza Rodrigues</i>	987
El poder de la verdad y la verdad del poder <i>Ana Pizarro</i>	990
Antonio Bolivar “O indígena Ocaina e ator Dom Antônio Bolívar” <i>Nikolas Victorino</i>	995
Colonialismo e Cinema: o Covid-19 e o Passamento de Uma Cineasta Genial <i>Rosa Elizabeth Acevedo Marin</i>	998
Maria Antônia dos Santos: Mulher do Povo Tikuna	1005
Maria José Palhano, Quilombola	1006
Alberto Párcia Felix Tikuna, Nota de pesar	1008
Cleubi Cicero Torres Florentino, Tikuna, médico	1008
O Líder do Povo Desana, Feliciano Lana, morre em sua casa no Alto Rio Negro <i>Elaíze Farias (Amazônia Real)</i>	1011
A Dor Invadiu os Artistas em São Luís (MA): a arte perdeu o mestre dramaturgo Luiz Pazzini <i>Cynthia Carvalho Martins</i>	1021
Cacique Messias Kokama, “o espírito do guerreiro”: estratégias, resistência e a construção do reconhecimento do Parque das Tribos <i>Glademir Sales dos Santos</i>	1023

A Quem Interessar: O Povo indígena Kokama na guerra contra o Coronavírus	
<i>Federação Indígena do Povo Kukami-Kukamira Pray+iuka Perukariai Kurumpiaka</i>	
<i>Cacicado Geral do Povo Kokama.....</i>	1036
Boletim nº 022/2020 das Organizações Kokama: Povo Kokama Informa a imprensa e aos interessados.....	1046
“A Morte Está Vindo Muito Rápido em Meu Povo”, diz professora Kokama sobre o Covid-19 (Entrevista com Altaci C. Rubim Kokama)	
<i>Eláize Farias (Amazônia Real).....</i>	1049
Associação de Moradores do Quilombo Santo Antônio/Penalva/MA – nota de pesar e de agradecimento ao Padre José Bráulio Souza Ayres	
<i>Gardenia Ayres.....</i>	1064
Dona Maria Mercês de Barros (mãe) e Alessandra Barros Freitas (filha): dor e luto no Quilombo São Sebastião de Burajuba, Barcarena, PA.....	1066
Puraké Assurini e Iranoa Assurini, Nota de pesar	
<i>Prof. Peppe Assurini.....</i>	1069
João Câncio da Silva Paulino, Karapãna	
<i>Maria Alice da Silva Paulino Karapãna.....</i>	1070
Jorge Valera, Nota de Pesar	
<i>Francisca Oliveira de Lima Costa/Chica Arara</i>	
<i>Txai Terry Aquino.....</i>	1074
Carlos Nobre da Costa Santos Mura	
<i>Jardeline dos Santos Costa, Kokama.....</i>	1074
Juvenal Luz Bento: nota sobre um homem vencido pelo Coronavírus mesmo em tempo de resistência	
<i>José Luís Souza de Souza.....</i>	1076

Bento, um dos fundadores da Unidos da Piedade morre aos 93 anos.....	1078
Professora Bernita Miguel, Povo Macuxi. <i>Conselho Indígena de Roraima (CIR).....</i>	1080
Professor Macuxi Fausto Mandulão, Nota de pesar <i>Conselho Indígena de Roraima (CIR).....</i>	1081
Professora Maika, professor Luiz Emiliano e Getúlio Tobias <i>Conselho Indígena de Roraima (CIR).....</i>	1082
Ducirene Freitas e Elisabeth Ribeiro, nota de pesar <i>Conselho Indígena de Roraima (CIR).....</i>	1084
Narcisio Barnabé, Macuxi: nota de pesar <i>Conselho Indígena de Roraima (CIR).....</i>	1084
Dionito José de Souza Macuxi: nota de pesar <i>Conselho Indígena de Roraima (CIR).....</i>	1085
Luciano Peres: nota de pesar <i>Conselho Indígena de Roraima (CIR).....</i>	1085
Alvino Andrade da Silva, nota de pesar <i>Conselho Indígena de Roraima (CIR).....</i>	1086
Manifesto Munduruku: Estamos de Luto! - Cacique Vicente Saw, professor Amâncio Ikon Munduruku, Jerônimo Manhuary, Angélico Yori e Raimundo Dace <i>Movimento Munduruku Ipereg Ayu.....</i>	1087
Higinio Pimentel Tenório: nota de pesar <i>Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN).....</i>	1088
Homenagem da COIAB e dos Povos Indígenas da Amazônia Brasileira para o líder Bepkororoti Payakan Kayapó <i>Coordenação das Organizações indígenas da Amazônia Brasileira (COLAB).....</i>	1089

Morre Primeiro Cacique Puyanawa Mário Cordeiro de Lima no Acre.....	1091
Bekwỳjkà Metuktire <i>Mayalú Txacarramãe.....</i>	1093
Bernadina José Pedro, povo Macuxi <i>Conselho Indígena de Roraima (CIR).....</i>	1094
Memórias, Saberes e Projetos que o Covid-19 não consegue levar: liderança e ensinamentos de Tia Uia no Quilombo da Rasa (RJ) <i>Oswaldo Martins de Oliveira.....</i>	1098
Graciliano Pena Tukano <i>Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN).....</i>	1098
Docineide Palmari, Liderança das Mulheres Indígenas.....	1099
Cacique Ronaldo Claudino Kaingang.....	1099
Fernando Makari Wai Wai <i>Conselho Indígena de Roraima.....</i>	1100
Sérgio Xehema Wai Wai <i>Conselho Indígena de Roraima.....</i>	1101
Carta do Povo Wai Wai – Aldeia Xaary (Roraima) <i>Associação do Povo Indígena Wai Wai Xaary.....</i>	1102
Otávio dos Santos, Sateré Mawé.....	1104
Cacique Domingos Mahoro, Xavante.....	1104
Lusia Santos Lobato, Borari.....	1106
Rosilda Demétrio Magalhães, Wapichana <i>Conselho Indígena de Roraima.....</i>	1106

Leônia Gomes da Silva Melo, Taurepang <i>Conselho Indígena de Roraima</i>	1106
Fernando Forte, Karipuna	1108
Sansão Guajajara e Rosilda Guajajara	1108
A COVID-19 nas Aldeias Marubo do Vale do Javari (Djalma Marubo) <i>Organização das Aldeias Marubo do Rio Itui-Oami</i>	1109
Francisco Luis Yawanawá da Aldeia Matrinxã <i>Txai Terri Aquino</i>	1111
Manuel Paulino do Povo Karapãna <i>Glademir Sales dos Santos</i>	1112
Depoimento de Marilda Karapãna sobre a Morte de Seu Pai Sr. Manuel <i>Paulino Karapãna</i>	1114
Elias Manoel de Souza Parintintin <i>Jordeanes do N. Araújo</i>	1117
Elias Manoel de Souza Parintintin: Nota de Pesar do Condisi Porto Velho Rondônia	1120
Euzébio de Lima Marques <i>Conselho Indígena de Roraima (CIR)</i> <i>Coordenação Geral da Região Serras</i>	1121
Domingos Fuentes Warao	1123
José Conceição de Souza Cajueiro-79 Anos/Aldeia Karuara	1125
Morte de Criança Tapirapé de 08 Anos, do Povo Apinãwa	1126

Morrem Roldão Kaxinawá e Batista Kaxinawá.....	1128
Valmir Izidório Messias <i>Conselho Indígena de Roraima (CIR).....</i>	1130
Nota em memória de Nelson Xangré <i>Conselho Indigenista Missionário.....</i>	1131
Mulher Tikuna com Covid-19 morreu após ser retirada de aeronave com pane <i>Elaíze Farias (Amazônia Real).....</i>	1135
Professor Hélio Cadete <i>Organização dos Professores Indígenas de Roraima (OPIRR)</i> <i>Coordenação Geral da Região Serras – Terra Indígena Raposa/Serra do Sol</i> <i>Conselho Indígena de Roraima (CIR).....</i>	1147
Professor Neir da Silva, Macuxi <i>Conselho Indígena de Roraima (CIR).....</i>	1149
Depoimento de Joel Puyanawa sobre a Morte de Seu Pai, Mario Cordeiro de Lima.....	1150
João Soares Krikati, do povo Krikati.....	1154
Aritana Yawalapiti, Grande Cacique do Alto Xingu, Morre Vítima da Covid-19. Nota de Pesar da Coiab <i>Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COLAB).....</i>	1154

PARTE III	1157
TERRITÓRIO DA RESISTÊNCIA	1159
Territórios de Resistência: Controle e Vigilância das Vias de Acesso às Terras Indígenas	
<i>Alfredo Wagner Berno de Almeida</i>	1161
Territórios de Resistência: Ações Mutualistas como Relações Políticas	
<i>Alfredo Wagner Berno de Almeida</i> <i>Eriki Aleixo de Melo</i>	1191
TERRITÓRIO DO DESCARTE	1217
Roteiro para encontrar Futuros Territórios	
<i>Ilka Boaventura leite</i>	1219

“FIQUE EM CASA!” MOBILIDADE, MOBILIZAÇÃO E TERRITÓRIO NA PANDEMIA

John Comerford⁹⁵

“Fique em casa!” O lema central e fundamental desses tempos de pandemia, que também tornou-se nó de polêmicas e conflitos políticos, aponta para dois temas sobre os quais vale a pena refletir: a conclamação à imobilização, ao “ficar” em um lugar, ao invés de fazer deslocamentos; e o fato desse lugar ser “casa”.

A reflexão sobre esses temas que vou propor parte de alguns resultados de pesquisas, algumas mais antigas e outras realizadas nos últimos anos, relacionados à mobilidade como constitutiva da vida camponesa, à “casa” como uma referência central para a vida das classes populares, porém nem sempre com o mesmo sentido que “casa” para as classes médias e altas urbanas, e ao “fazer território” como prática central de camponeses e povos tradicionais e que lhes permite “sentir-se em casa”.

Não se trata aqui de resenhar tais pesquisas⁹⁶ mas apenas de levantar algumas questões com base nelas, e refletir sobre suas implicações para as maneiras pelas quais diferentes agentes vêm efetivamente lidando ou vêm propondo lidar com a situação de pandemia, com especial atenção para alguns supostos das políticas públicas adotadas (ou não).

Um dos aspectos levantado por diversas pesquisas é que, ao contrário de qualquer visão que relacione a vida de populações camponesas e tradicionais à

95. Antropólogo. PPGAS/Museu Nacional/UFRJ

96. Ver por exemplo, desde trabalhos mais antigos como Almeida e Palmeira (1977), Garcia Jr (1989), Woortman (1990), até relativamente recentes como Marcelin (1999), Ribeiro et al. (2004), Felix (2008), Menezes (2009), Nogueira (2010), Rumstain (2011), Desconsi (2011), Vieira (2012), Guedes (2013), Comerford (2014), Teixeira (2014), Comerford, Carneiro e Dainese (2015), Comerford e Andriolli (2015), Carneiro (2015).

imobilidade e ao isolamento e à vida presa a um único sítio, essas populações movimentam-se continuamente, tanto em curtas distâncias no seu cotidiano local, como atravessando distâncias muito consideráveis sazonalmente ou em ocasiões específicas ao longo da vida. Isso não é algo recente e faz parte do modo pelo qual essas populações vêm preservando e re-criando seus modos de vida. Se a linguagem do êxodo rural ou da migração tende a apresentar a mobilidade como algo excepcional e/ou ligado a um processo de extinção do modo de vida camponês e da ligação com a terra e o território, as pesquisas nos mostram pessoas e famílias que *ao mesmo tempo* mantêm vínculos densos com a terra em lugares rurais, tendo aí uma referência duradoura e importante, e se deslocam muito, estabelecendo redes ou malhas - familiares, de parentesco, de comunidade de origem -, distribuídas pelo país ou mesmo fora do país, tanto em áreas rurais como urbanas. Mesmo quando não há propriamente um único lugar rural “de origem” estabilizado e valorizado, redes e grupos de base familiar vão se fazendo ao se deslocar e ao estabelecer pontos mais ou menos provisórios de apoio e de cuidado, incluindo casas em áreas rurais, pequenas ou médias cidades e grandes metrópoles. De todo modo, trata-se sempre de configurações em que espaços e recursos (casas, comidas, produtos agropecuários ou extrativos, oportunidades de emprego, locais de trabalho, oportunidades de estudo e recursos de assistência à saúde) se distribuem e são como que “geridos” coletivamente, mesmo havendo distâncias consideráveis envolvidas.

Várias pesquisas demonstraram também a importância e a delicadeza dos deslocamentos cotidianos, nas comunidades rurais e pequenas cidades ou povoados: andanças diárias entre casas e sítios, para visitas, ajudas e cuidados, ou ainda para levar produtos às feiras ou resolver questões burocráticas nas sedes municipais, ou ainda para caçar, pescar, ou coletar lenha, frutas ou ervas com vizinhos ou familiares, sempre associando esses deslocamentos a encontrar pessoas, atualizar conversas, participar da formação de opiniões e julgamentos. Esses deslocamentos, entre casas e roças próprias ou de parentes

e vizinhos, feiras, matas, rios, igrejas, escolas e bancos, vão criando trilhas bem batidas, caminhos bem estabelecidos, e assim delimitando territórios, conforme caronas são oferecidas, comidas e bebidas dadas e compartilhadas, e conversas realizadas. Se parte muito significativa da vida nas áreas rurais é passada “na roça” trabalhando sozinho ou com a família mais restrita, não menos significativos são os encontros e as conversas nos caminhos, estradas e caronas, as visitas, a frequência mútua às casas uns dos outros.

As próprias casas, nesse sentido, longe de ser o espaço de isolamento e intimidade, tal como suposto em relação à vida urbana de classe média ou alta, são nos universos rurais pesquisados lugares de movimento, fluxo e animação, em certo sentido tanto mais “casa” quanto mais movimento, mais fluxo e mais animação, quanto mais suas cercas e paredes se mostrem porosas ao atravessamento por familiares, parentes e amigos (o que ajuda inclusive a delimitar quem são esses que, ao atravessar livremente esses limites, se reafirmam “família” ou “como da família” ou “de casa”). Se momentos como festas ou celebrações são especialmente importantes no sentido de intensificar, ampliar e ritualizar essa circulação, é no cotidiano dos deslocamentos, da frequência mútua às casas e das visitas que vão se afirmando laços e compartilhando recursos e possibilidades, produzindo desse modo as “famílias”, os “povos”, a “gente” ou o “pessoal” de tal ou qual lugar. E assim se faz o próprio lugar ou território como um espaço de liberdade e de “sentir-se em casa”.

Nessa direção, Louis Marcelin, pesquisador haitiano que estudou as famílias negras da periferia de Cachoeira, na Bahia, contestando representações dessas famílias como “desestruturadas”, propôs o conceito de “configuração de casas”, para tornar visível e pensável uma organização em que a “casa” não é o espaço isolado de uma “família nuclear” em sua intimidade, mas um nó de uma configuração mais ampla, uma organização dinâmica onde cada “casa” está sempre em processo mais ou menos coletivo de construção, por onde pessoas circulam e compartilham recursos, oportunidades, espiritualidade, a criação das crianças e o apoio aos jovens e

velhos, criando um sentimento de pertencimento e de “sentir-se em casa” que se manifesta em “saudades” quando se está distante. Tudo isso sem que deixem de ser significativos os limites entre as casas e famílias que compõem a configuração, ou as diferenças entre famílias e indivíduos, com suas trajetórias e pesos sociais distintos dentro de cada configuração.

Essas observações parecem valer, guardadas as diferenças de circunstâncias e modos de vida, para muitas áreas de pequenos sítios, assentamentos rurais, áreas de quilombolas e dos mais diversos “povos tradicionais”, bem como se estender para as áreas em que residem parentes em bairros periféricos de pequenas ou grandes cidades, nas favelas, quebradas e subúrbios, ou ainda aos lugares provisórios, alojamentos, quitinetes, quartos alugados e barracos dos que estão “no trecho”⁹⁷, trabalhando em obras, no garimpo, cortando cana, apanhando café ou trabalhando em outras lavouras do chamado “agronegócio”, ou ainda na luta, em acampamentos ou retomadas.

Essa circulação intensa faz, portanto, com que casas sejam menos lugares da intimidade isolada e mais pontos de fluxo, com maior ou menor importância, centralidade e permanência, de uma configuração dinâmica e móvel. E faz também com que os limites territoriais formais de assentamentos, reservas extrativistas, propriedades rurais, comunidades rurais, etc, não coincidam com os limites da mobilidade. O que não impede que casas e territórios sejam marcos de pertencimento, de um “sentir-se em casa” que inclui os que estão distantes e ausentes por algum tempo (às vezes longo ou mesmo muito longo), e um lugar de apoio e cuidado que permite e viabiliza circulações “para fora”.

Circulações e deslocamentos, bem como as permanências, não são nunca desordenadas ou aleatórias, ou referidas apenas a decisões puramente individuais. Trata-se de movimentos acompanhados de perto

97. O “trecho” é a experiência de trabalhar longe de casa, em obras, colheitas, ou outros tipos de serviço, sem estabilidade. A respeito ver o trabalho de Guedes (2013) a partir de Goiás e de Rumstain (2011) a partir do Maranhão e do Mato Grosso.

por coletividades (a família, os parentes, a comunidade, os vizinhos, os irmãos de fé, o “povo” ou “pessoal” de um dado lugar), que investem expectativas nesses movimentos, julgam moralmente os momentos e formas de sair e chegar, pressionam por retornos ou por viagens, comprometem-se publicamente a buscar recursos longe, apoiam material e espiritualmente os deslocamentos, transmitem orientações e conhecimentos sobre os lugares, organizam (ou não) espaços para receber e hospedar, administram (ou não) práticas alimentares e de cuidados domésticos ou de saúde, e são moralmente avaliados por isso. Há uma densa teia de informações, julgamentos, expectativas, tradições, conflitos, conhecimentos e memórias, que organiza e dinamiza os deslocamentos, a delimitação dos territórios por onde é possível transitar ou permanecer e a dinâmica de suas fronteiras, a densidade da habitação nas casas e sítios, os limites do compartilhamento temporário de casas, tudo isso resultando a cada momento em certa tensão entre permanência e deslocamento que nunca é resolvida apenas individualmente. Cabe ainda observar que mais recentemente, as tecnologias de comunicação, em especial o celular e o whatsapp passaram a fazer parte dessa dinâmica, sem substituir os deslocamentos mas agilizando a circulação de conversas e informações, em uma dinâmica que cabe investigar.

É importante enfatizar que a constatação de que formas de mobilidade e deslocamento são constitutivas dessas configurações não diminui em nada a importância da terra e dos territórios para essas populações. Os movimentos cotidianos ou excepcionais constitutivos desses modos de vida não prescindem de lugares de referência, onde é possível “sentir-se em casa”, com tudo que isso implica. E pelos quais, quando necessário, se luta, especialmente quando a “casa”, nesse sentido amplo, está ameaçada por poderosos interesses, como tantas vezes tem sido o caso. As lutas por terra e por território não são apenas luta por recursos puramente econômicos ou por espaços de moradia e trabalho impessoais e permutáveis, mas de luta por lugares marcados por um senso de pertencimento de múltiplas dimensões e que nucleiam

as redes amplas que deles dependem (muitas vezes, dispersas, como acima mencionado). Redes que, por sua vez, podem ser acionadas nas lutas por terra e território, ou por outras bandeiras, como políticas públicas. Essas lutas, incluindo tudo o que elas implicam em termos de organização política, comunitária, associativa e sindical, são parte constitutiva da experiência e das práticas de não poucas dessas configurações multilocalizadas, bem como da formação e adensamento de seus territórios e referências espaciais. As lutas deixam como legado dimensões adicionais ao “sentir-se em casa” desses territórios, inclusive práticas, conhecimentos, memórias e disposições de organização e de mobilização. Se “casa” não é uma intimidade delimitada entre paredes, mas é algo que se espalha por um território relacional, ter lutado por uma “casa” ameaçada de destruição e expropriação, ou ter lutado para conquistá-la, como no caso dos assentamentos, é algo que tem consequências, ao longo do tempo, para a maneira de concebê-la, de “ficar” nela e de a ela “voltar”.

Essas observações trazem muito resumidamente e de maneira muito genérica um diálogo com pesquisas diversas. Não dão conta das singularidades de situações, concepções e práticas de grupos e povos específicos, mas são trazidas aqui apenas para permitir levantar algumas questões sobre a situação de pandemia. O que significa “fique em casa!” para pessoas que vivem imersas em configurações dinâmicas e dispersas como essas que foram descritas, onde a mobilidade é fundamental não só para o trabalho e a renda, como se tem levantado na discussão da quarentena, mas para a continuidade cotidiana das relações e para as perspectivas de futuro? O que quer dizer “casa”, se não é o espaço delimitado e restrito de intimidade e controle individual ou de um pequeno núcleo familiar, que é a imagem de uma classe média e alta de centros urbanos, geralmente pressuposta na dita expressão? E como pensar políticas para deter a pandemia que levem em conta a dinâmica própria de casas, famílias e territórios que caracterizam o modo de vida que tem na mobilidade e na terra referências fundamentais de sustentação das redes da vida, da própria vida?

Trata-se de pensar algo que está atualmente em curso, e dadas as condições da quarentena, tenho pouca informação sistemática e em primeira mão sobre como está sendo vivida a situação de pandemia pelos interlocutores e interlocutoras das pesquisas que realizo, e também só fragmentariamente tenho recebido notícias correntes de outras situações. Algumas notícias que chegaram dão conta, por exemplo, do retorno de parentes residentes em São Paulo às comunidades rurais e pequenas cidades do Vale do Jequitinhonha em Minas, para enfrentar lá a situação da pandemia, afastando-se da situação mais crítica de São Paulo (mas arriscando a carregar o vírus para o interior). Mas também chegam notícias de viagens e visitas muito esperadas, porém adiadas ou interrompidas, nesse e em outros circuitos, e tanto em um rumo como em outro, em função de precauções com o contágio. Enfim, podemos imaginar que a epidemia e as precauções e orientações relacionadas ao isolamento social, bem como as situações de adoecimento e tratamento, incidem diretamente sobre a dinâmica dessas configurações multilocalizadas, que têm nos territórios camponeses e tradicionais uma referência central e na mobilidade uma prática constitutiva.

Por tudo o que foi dito, parece razoável imaginar que um “fique em casa” tendo como expectativa o fechar-se integralmente em casas habitadas por indivíduos ou pequenos núcleos familiares não é, nesses casos, muito provável, viável ou eficaz. Ao mesmo tempo, as considerações acima apontam que habitar essas configurações de casas, partilhar desse “sentir-se em casa” que abrange não casas individuais, mas territórios mais amplos, é também compartilhar espaços, práticas e conhecimentos de cuidado, alimentação, organização e mobilização, bem como afetos e forças espirituais. Esses aspectos, que podem ser cruciais para enfrentar desde a busca por empregos, oportunidades de estudo, tratamentos de saúde, até a luta pela terra, não seriam menos cruciais para enfrentar a pandemia. E possivelmente já estão sendo. Como lembra Michel de Certeau, a humanidade não existiria sem o enorme leque de práticas cotidianas mais ou menos invisibilizadas que

permitem a vida, da culinária à construção e adaptação de espaços habitáveis e aos modos de perambular pela cidade. Neste momento, mesmo que não estejam propriamente fechados em casa com um núcleo muito restrito de familiares, aqueles que participam das configurações descritas mais acima, e que tem em territórios rurais uma referência central, possivelmente estão buscando ficar “em casa” – procurando os territórios e espaços nos quais se “sentem em casa”. E possivelmente estão surgindo agenciamentos mais ou menos coletivos em busca de maneiras de cuidar do corpo, de informação tida por confiável, de recursos de saúde, de alimentação, de cuidados, de dinheiro, de orientação espiritual/religiosa e afetiva. E possivelmente já estão enfrentando a epidemia dessa maneira, cuidando dos doentes e buscando efetivar formas de prevenção e modos de debater e julgar os cuidados e atitudes em relação à doença daqueles com quem tem relação. Nesses espaços, cuidado e controle, para retomar os termos de Thomas e Znaniecki a respeito de redes familiares dos camponeses poloneses de início do século XX, são obrigações mútuas, e geram uma autoridade coletiva, ainda que provisoriamente encarnada em determinados agentes.

No caso de muitas dessas configurações, conforme já mencionamos, houve processos de luta por terra que deixaram as marcas de um saber se organizar e se mobilizar, os conhecimentos da luta. Em alguns casos, isso teve desdobramentos em lutas por saúde e no envolvimento de organizações camponesas, indígenas e de populações tradicionais com os debates e ações no âmbito de políticas de saúde, em interlocução com agências públicas e também eclesiais e ONGs. Isso se reflete por exemplona presença e atuação nesses territórios de agentes comunitários de saúde que pertencem à própria comunidade. Se esses agentes tornam mais visível e identificável esse entranhamento de redes familiares e de vizinhança com conhecimentos e recursos de saúde de caráter mais “oficial”, não é menos importante lembrar que problemas de saúde rotineiramente mobilizam recursos “coletivos” ou “comunitários” ou “familiares”, desde contatos com médicos ou funcionários

da saúde, ou com políticos que tenham esses contatos, até espaços em casas de parentes nos centros regionais ou nos grandes centros a partir de onde seja possível obter ajuda médica especializada. Mas também conhecimentos: receitas de chás e comidas, ervas, maneiras de cuidar do corpo, rezas, todo um saber que, mesmo sendo frequentemente tido por irrelevante do ponto de vista das políticas públicas, é essencial no cotidiano, e compõe parte da própria noção do “sentir-se em casa”.

Ainda nessa direção, creio que muitas pesquisas apontam para a importância das mulheres e dos idosos no funcionamento dessas redes de parentesco e na manutenção daquilo que, nos territórios, é fundamental para o “sentir-se em casa”. Os cuidados com saúde, com o corpo e com a alimentação e a cozinha são tidos por “assunto de mulher” e fundamentais para a dinâmica dos espaços domésticos. As mulheres guardam um conhecimento ativo e é principalmente por meio delas que circulam informações, considerações e debates sobre tais temas, e tenho a impressão que são especialmente atuantes também nas interfaces mais formais entre o sistema de saúde e as comunidades e famílias, como agentes de saúde da família ou agentes comunitárias de saúde. Os idosos, além de sua importância em termos de renda financeira estável (através da aposentadoria rural), crucial em momentos de problemas como doenças ou desemprego, são também centrais para a criação dos filhos de familiares temporariamente ausentes, e para a manutenção de casas que funcionam como nós centrais dessas configurações dispersas de familiares e parentes às quais estamos nos referindo. Em uma situação com a atual, o diálogo dos setores públicos de saúde com mulheres e idosos, com lideranças comunitárias que podem inclusive mediar esses outros contatos, e com estudantes do ensino médio e superior (que desde a maior democratização do acesso ao ensino superior a partir dos governos do PT estão mais significativamente presentes nessas comunidades rurais e indígenas) seria um caminho especialmente profícuo para pensar como adequar o “fique em casa” às especificidades desses universos sociais.

Se a mobilidade e o caráter em fluxo dessas configurações ou redes a que estou me referindo é um problema do ponto de vista de um “fique em casa” que pressupõe a imobilidade e isolamento de indivíduos ou “famílias nucleares”, essa mobilidade inerente a tais configurações poderia também ser transformada em “mobilização”, fazendo fluir através dessas redes informações confiáveis, acompanhamento de situações de saúde, destinação de espaços para acolhimento dos doentes e para acesso a tratamento, bem como interfaces com o sistema formal de saúde. As redes mobilizadas em torno de lutas por terra e território e as lideranças e militantes que surgiram e surgem com essas lutas, em especial aqueles que se passaram a se envolver com ações e debates de saúde, e que mantêm conexões profundas com familiares e parentes que circulam nesses universos sociais, podem ter um papel absolutamente fundamental na mobilização em torno da pandemia, em conexão com aqueles, como as mulheres e os idosos, que no cotidiano das comunidades tem um papel central em relação à saúde e ao cuidado.

Um bom exemplo dessa possibilidade me parece ser o admirável trabalho que tem sido desenvolvido por comunidades indígenas e organizado nacionalmente pela APIB – Associação dos Povos Indígenas do Brasil. Certamente deve haver outros exemplos em curso, de outras organizações ligadas a populações rurais, indígenas, tradicionais, assim como há exemplos muito impressionantes em favelas, às vezes em conexão com organizações mais amplas como a CUFA (Central Única das Favelas). A capilaridade dessas iniciativas e organizações, o conhecimento da situação local através de amplas redes de contatos, a experiência com processos de mobilização e a coragem e disposição de luta são evidentemente recursos absolutamente fundamentais para situações como a atual, de enfrentamento da Covid-19.

Qualquer governo minimamente responsável e comprometido com o enfrentamento da pandemia e dos seus efeitos sobre emprego, produção e renda, e com um mínimo de conhecimento e preocupação com as populações rurais e tradicionais, partiria desse diálogo e parceria com as organizações e movimentos

desses povos, comunidades e populações, assim como com igrejas, pastorais, ONGs e outras agências com atuação local. Estaria conversando ativamente com lideranças, agentes de saúde, mulheres, idosos, com pessoas prestigiadas e respeitadas nas comunidades, para saber suas avaliações da situação, verificar a maneira pela qual estão se informando, e entender as propostas desses cuja opinião é respeitada e tem consequências, e que já são especialistas em cuidar de seus familiares, parentes, vizinhos. Essa parceria e essas conversas levariam certamente a um amadurecimento de propostas de enfrentamento adaptadas à dinâmica social dessas populações, com alguma diferença e desvio em relação ao isolamento social pensado a partir de realidades e concepções urbanas, de classe média e alta. Imagino que isso possa estar acontecendo no caso de alguns governos estaduais ou municipais, mas não há dúvidas que responsabilidade e compromisso com a população rural e tradicional passam muito longe do atual governo federal, cada vez mais imerso em sua inépcia e em uma necropolítica militante, um ativo desprezo pela vida, em especial a vida de indígenas, camponeses, quilombolas e populações tradicionais.

Para finalizar, acho que faz sentido, diante das questões levantadas acima, transcrever um depoimento que li quando estava finalizando a redação deste artigo. Ao mesmo tempo terrível, ilustrativo do momento que vivemos, e inspirador pela disposição de luta, segue o relato de Vanda Witoto, disponibilizado pela APIB em 28/05/2020 no facebook:

Vidas indígenas e a pandemia da Covid-19. Confira o relato da luta de @Vanda Ortega Witoto

Vanda Witoto é uma indígena Witoto, técnica em saúde que trabalha em uma Unidade de Pronto Atendimento e mora em um território indígena na periferia de Manaus, um bairro muito pobre, sem esgoto, água encanada e energia elétrica, onde vivem 700 famílias de 35 etnias e hoje tem 42 infectados confirmados no bairro, os quais ela atende voluntariamente.

“Eu confesso que no início a gente estava mais encorajado, mas quando eu tive que atender a primeira parente com dificuldade respiratória, foi quando eu tive noção do perigo.

Quando a nossa parente não conseguia levantar da rede, com dores e tossindo muito, ali eu fiquei bem assustada. Naquele momento era só eu que estava na comunidade fazendo esse acompanhamento de saúde e era preciso levá-la para o hospital e a gente não tinha como levar. Eu liguei para o Samu para que pudessem vir buscá-la, porque eu fiquei com medo de ser infectada, porque todas as características que ela relatava eram todo os sintomas de quem tem covid.

Uma vez no telefone que eu identifiquei essa comunidade e a paciente enquanto indígena, a atendente disse que era pra eu procurar a Sesai, que é a Secretaria que cuida da saúde indígena. E eu tive que trazer um pouco o histórico pra justificar o porque a Sesai não nos atende, mas o Samu mesmo assim negou atendimento.

Então diante da negação do atendimento do Samu, eu falei pro meu pai, pra minha mãe, que eu não vou deixar parente morrer aqui dentro enquanto eu puder fazer alguma coisa. Mesmo que o Estado nos negue isso, eu não ia permitir. A gente tem um carro, então eu tive que me paramentar, eu tive que colocar uma máscara, uma luva e fui atrás dela às 8 horas da noite e coloquei ela no carro e a gente foi pro Hospital.

O momento para mim foi muito difícil. Aqui lutamos para o reconhecimento dos povos indígenas em contexto urbano e no momento que a gente mais precisou, nós continuamos sendo negados. A gente sempre fala que já vimos vários parentes morrerem, vários povos foram dizimados, mas o que nos machuca mesmo, por mais que esse vírus seja tão cruel, é a negação que o Estado tem conosco. As perdas dos nossos parentes nos doem, nos doem muito, mas essa morte com nossa identidade negada, ela nos fere muito mais profundamente.

Depois vieram mais 05 parentes com dificuldade respiratória, veio o luto da perda do nosso cacique na nossa comunidade, que foi um momento de choque mesmo e tive que perceber que eu era aquela única pessoa ali e diante daquela necessidade, da nossa necessidade e dos nossos parentes eu não pude desistir, então eu mantive a coragem para continuar indo nas casas, tentando me proteger o máximo.

No início eu não conseguia dormir, porque eu ficava pensando no dia seguinte, a questão da alimentação não só a questão da doença, mas a medicação que não tínhamos como comprar e os parentes com febre. Tinha gente que vinha pedir alguma coisa pra comer e a gente não tinha nada pra doar.

Doeu muito ver uma parente que não tinha o que comer. Tinham muitas crianças na casa dela, inclusive eu sou até afilhada de um deles que estudavam com fome. A mãe mora sozinha, são 06 crianças. A falta de alimento foi uma coisa que me chocou muito mesmo.

O nosso cotidiano é de muita luta. Diferente de mim que eu tenho um trabalho fixo, a maioria dos nossos parentes vivem de artesanato, então eles vendem um colar para comprar comida.

Quem está na cidade, quem não tem roça, não tem nada, não tem nenhuma assistência por parte do governo e nesse momento de epidemia, isso só piorou.

O Bolsonaro é o pior governo que pode existir. Ele não tem cuidado da nação brasileira e as populações indígenas são as mais atacadas por ele em todos os aspectos.

Em meio a pandemia, um presidente que, além de não se preocupar enquanto um líder de um país com a segurança, com orientações para enfrentamento da pandemia, ele atua à frente de políticas para violação da vida dos indígenas, dos territórios indígenas, para abrir os nossos territórios pra exploração.

Ele tem atuado nesse momento de pandemia expulsando os indígenas dos seus territórios e abrindo nossas terras para o agronegócio. Todas essas políticas desenvolvidas por ele contribui para a vulnerabilidade dos nossos povos, para infectar os nosso povos em todo nosso país. Todas essas políticas desenvolvidas por ele, nos apagam de uma forma tão cruel, contribuindo para que esse povos venham a sofrer muito mais ainda.”

Vanda foi a luta, falou na internet, protestou com duas amigas diante de uma comitiva do ex-ministro Teich que em uma visita a cidade de Manaus negou agenda para lideranças indígenas, mas diante das câmeras de televisão foi obrigado a enviar um Diretor da Sesai para conversar.

Com a repercussão pública do protesto, o Parque das Tribos conseguiu uma parceria com a prefeitura para atendimento hospitalar de 18 indígenas e serão abertos 50 leitos de UTI para indígenas em um Hospital da Rede Estadual.